

OUTRAS OPINIÕES

Quaresma e bingo

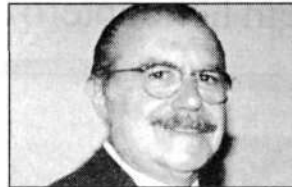
P.A.9

O Brasil está dividido em quatro estações: Carnaval, Semana Santa, São João e Natal. E ainda micaretas e campeonatos. Fora daí é procurar mudanças, dessas que equilibram o Cosmos, e não encontrá-las. No Nordeste, por exemplo, só existem inverno e verão. O tempo que chove – e às vezes nem isso ocorre – e o tempo que não chove, sol no sertão e, na costa, praia e maresia.

Na Amazônia, são duas estações por dia. De manhã, não chove: de tarde, chove sempre. Em Belém, chegamos até a marcar encontros a hora fixa: “Depois da chuva”.

De São Paulo não é raro dizer que tem as quatro estações todo dia. A dificuldade é acertar a roupa ao tempo predominante.

Melhor não ligar para o tempo e sim para as festas, que não se esgotam nos seus dias. De festa não se entra e sai de chofre. Há tempo de preparação e tempo de desaceleração. Veja-se o Carnaval: ele emenda com o fim



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

do ano e começa no réveillon e vai se arrastando até a quarta-feira de cinzas, num crescendo de allegro e de gran lambada.

Como sinal dos tempos, com a teoria da desaceleração, o Carnaval está entrando na Quaresma: na Bahia continua, e no Maranhão inventaram, no primeiro sábado da Quaresma, a “morte do Carnaval”, que nada mais é do que um outro Carnaval e, em vez de morte, ressurreição.

É a identidade brasileira que se afirma na cultura da alegria, que nos veio da África e que funciona independente dos bingos e da chuva.

Nada mais democrático do que o Carnaval. Não tem ingresso e

para desfrutá-lo basta apenas ter vontade de cair na gandaia. É a igualdade absoluta, até as fantasias luxuosas são feitas para os olhos de todos e a mais bonita das fantasias passou a ser não ter nada no corpo, só aquilo que Deus botou no mundo.

Roberto Campos foi quem cunhou a definição de que o biquíni mostra tudo, mas esconde o essencial. O contrário do famoso e mais sensual *striptease* conhecido que foi o de Rita Hayworth em *Gilda*, quando levava o público ao êxtase escondendo e sugerindo a beleza do seu corpo, mas só tirando a luva. No Carnaval tira-se tudo, só ficam a luva e o samba no pé, que não dá tempo para a sensualidade. Nada mais pudico do que o nu das alegorias das escolas de samba. Chega a ser triste.

Mas é tempo de cinzas. De não jogar mais – e acho que Lula bateu o bingo na hora certa. E desarmou essas máquinas de jogar, programadas eletronicamente para assaltar. Diz-se que vai haver a volta do

jogo do bicho que, por ser tão pobre e de pobre, só funciona na clandestinidade. Era outra a intenção do Barão de Drumond. O jogo do bicho é coisa complicada. É preciso sonhar para ter o palpite, saber interpretá-lo e, às vezes, até consagrar mensagens eternas. Não foi por outro motivo que no dia da morte de Rui Barbosa deu águia e, na posse de Color, zebra.

Mas nem por isso deixemos o essencial de lado. A Quaresma é tempo de meditação. E temos tanta coisa a meditar: não só a ausência da guerra, mas a paz interior, o estado de graça. Meditemos sobre a necessidade de melhorarmos nossos costumes políticos, não conspurcar a vida pública, dar exemplo de responsabilidade e consciência moral de deveres.

Estamos em mais uma rotina da rejeição do calendário. Cinzas

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras